

Análise Semiótica da Sala de Aula no tempo da EAD

Ana Cristina Fricke Matte

Resumo: Sala de aula é um conceito, antes que uma materialidade. O espaço físico, a figura do professor, a logística da sala, a anatomia das cadeiras, tudo vem mudando com o passar do tempo, mas a principal mudança está no próprio conceito de sala de aula, atualmente em cheque com o advento da EAD e da internet. A própria EAD não começou com a internet: é importante destacar as diferentes formas de EAD para compreender as mudanças no conceito de sala de aula, conceito este, por sua vez, importante pois permite discutir a relação na tríade professor-conhecimento-aluno.

Palavras-chave: sala de aula; ensino; aprendizagem; semiótica.

Sala de aula e aulas em salas

Aula em sala de aula para nós é quase um pleonismo, tão acostumados estamos a ir para salas de aulas ter aulas. Nem sempre foi assim. A sala de aula, em si, é um fenômeno até recente na história da humanidade. Aulas existem há muito mais tempo, desde que houve a relação mestre/aprendiz.

Note que a relação mestre/aprendiz é uma relação de um para um. Não há necessidade de haver uma infraestrutura montada para que um mestre ensine algo a um aprendiz. Até hoje vemos isso, tanto na educação informal, passada na família e entre amigos, até na educação formal, por exemplo na relação orientador/orientando. Aulas em salas específicas para este fim só são necessárias quando aumentamos o número de aprendizes.

Mesmo assim, podemos buscar, por exemplo, na Grécia antiga, o exemplo dos filósofos que ensinavam seus alunos em qualquer espaço, o próprio espaço servindo, algumas vezes, de tema para a aula. Na aula em círculos, a céu aberto, a figura do professor somente se destaca pelo conhecimento prévio de seu papel e por sua atuação.

Na sala de aula retangular, temos uma oposição espacial entre professor e alunos que sugere essa diferença entre esses atores.

Fizemos uma busca no Google sobre imagens de salas de aula. Esta busca mostrou, de uma forma bastante interessante, que o moderno e o antigo são conceitos dúbios quando se trata de salas de aula. Todas as imagens foram obtidas durante essa consulta.

Aulas em salas arredondadas ou retangulares, professores em tabladados ou no mesmo nível que os alunos, alunos sentando individualmente, em duplas ou num grande grupo, como uma platéia, desde salas simples com telhado sem forro até salas sofisticadas, com multimídia e/ou computadores, salas estáticas ou dinâmicas, salas concretas ou virtuais. São essas as oposições de que trataremos aqui.

Papéis actanciais e posições espaciais

Em semiótica vamos falar de dois aspectos teóricos: a relação entre os sujeitos no processo de ensino/aprendizado e aspectualização espacial e temporal decorrente dos diferentes tipos de sala de aula. Começemos pela relação entre espaço e actorialização.

Toda sala de aula possui frente e fundos em sua organização interna.



Ilustração 1: Sala de aula da UFPA. URL: http://cpgf.ufpa.br/UserFiles/Image/PRINCIPAL/sala%20de%20aula_low_res.jpg

Enquanto o professor é um ator ocupando um papel actancial de destinador, os alunos são vários atores ocupando um papel actancial de destinatário. A posição frontal do professor garante um foco de atenção privilegiado: porque todos olham pra ele e porque seu espaço de atuação é maior e mais maleável que o de cada aluno. A posição sentada dos alunos contrapõe-se à sua liberdade de sentar, levantar, andar. Quanto maior o número de alunos por metro quadrado, maior essa diferença, pois menor a liberdade dos alunos. Além disso, o professor dispõe de recursos que tornam visível sua atuação sobre toda a turma, enquanto os alunos somente podem realizar registros individuais e pequenas intervenções orais. Note que a sala mostrada na ilustração 1 é considerada moderna: é clara, possui recursos de multimídia, cadeiras confortáveis e mesas amplas para os alunos, que sentam-se em filas num grande grupo.

A situação tradicional da oposição frente/fundos, no entanto, permanece. Essa arquitetura somente tem sentido porque a relação biunívoca de destinador/destinatário é mantida ileso nesta sala moderna, da mesma forma como foi proposta originalmente.

Entra em ação o tablado (ilustração 2):

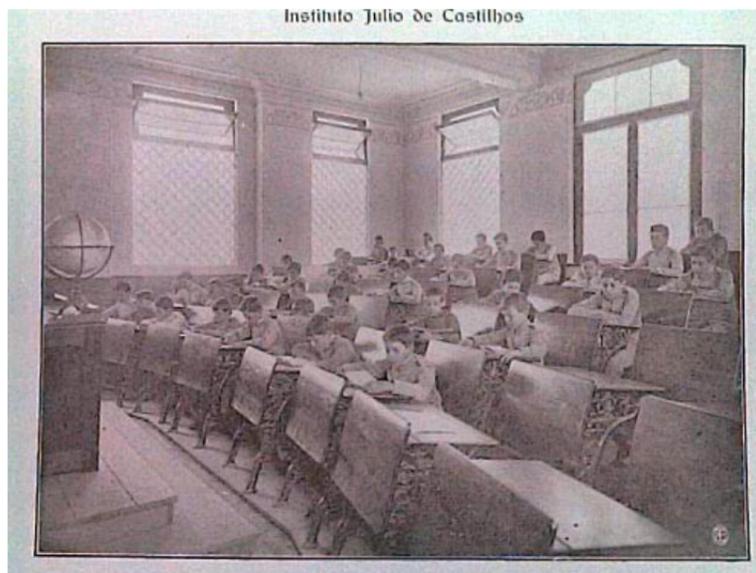


Ilustração 2: Foto de sala de aula do instituto Julio de Castilhos, disponível no acervo do Museu da UFRGS. URL: <http://www8.ufrgs.br/acervofoto/imagens/Rg208.jpg>

O tablado é uma invenção interessante: coloca o professor num palco, enquanto os alunos viram platéia. O tablado também fica na frente (não encontrei até hoje nenhum que ficasse no centro da sala, como um ringue). Seu efeito é o de reafirmar a hierarquia do professor sobre os alunos, mesmo no caso de salas semelhantes a auditórios, nas quais os alunos ficam dispostos em posição ascendente em direção ao fundo, como nessa figura mesmo.

É importante notar que, numa perspectiva segundo a qual a relação de destinador/destinatário entre professor e aluno é unidirecional e estática, estes recursos de logística são perfeitamente adequados: quanto maior a centralização da atenção e quanto maior a visibilidade do professor, mais eficaz o resultado.



Ilustração 3: A wikipedia mostra uma sala de aula da Unicamp, sala para turma muito grandes. URL: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/0d/Sala_de_aula_CB_Unicamp.jpg/275px-Sala_de_aula_CB_Unicamp.jpg

A sala acima, em forma de auditório semi-circular, inclui um quadro-negro que ocupa todo o espaço atrás do professor. As carteiras são planejadas para fornecer o maior conforto ao aluno no menor espaço possível, garantindo uma ocupação maximizada da sala, na qual cabem muito mais pessoas do que no caso de carteiras comuns. Cabe salientar a máxima rigidez na configuração da sala. Se o aluno possuir uma mochila grande, ou consegue ocupar duas carteiras ou terá dificuldades em se ajeitar na sala.

Esse tipo de dificuldade faz parte do que consideraremos a seguir: o papel do destinatário.

Para a semiótica, destinatário não é um papel passivo: o destinador somente consegue fechar o contrato proposto se, segundo a avaliação do destinatário, esse contrato condiz com o quadro de valores no qual o destinatário está inserido e se o destinatário acredita na capacidade do destinador em cumprir sua parte no acordo. Por exemplo, se um professor universitário sentar em um banco de praça e começar a contar sobre estudos realizados sobre o uso dos bancos de praça numa cidade grande, no máximo conseguirá a atenção de curiosos, muitos deles pensando que esse sujeito (que eles não sabem ser professor universitário) é um louco. Se ele fizer a mesma coisa em uma sala de aula para seus alunos, usando as mesmas palavras e exemplos, sua explanação será considerada, no mínimo, uma reflexão científica.

Assim, a sala de aula pode ser considerada um instrumento de autoridade, um instrumento de poder para o destinador. Foi numa sala como esta, da ilustração 3, na própria Unicamp, que vi uma aula em início de semestre ser oferecida por um aluno, apresentando conceitos nonsense e um exagero de tarefas devidamente anotados por todos os alunos presentes, que só ficaram sabendo do trote no final da aula. A grande razão para que os alunos acreditassem que o outro aluno era professor foi sua ocupação do espaço destinado a este ator. Na mesma época, uma professora de literatura, durante o período de matrícula, entregou por escrito uma lista imensa de livros que deveriam ser lidos durante o semestre, a fim de que os alunos pudessem iniciar a leitura com antecedência e com calma. No primeiro dia de aula, surpresa geral: não era trote! E ninguém tinha começado a ler livro algum.

Esse papel estático de destinador conferido ao professor, bem como o papel passivo conferido ao aluno, é hoje questionado por muitos estudos sobre educação, em todos os níveis. Vamos discutir um pouco a ocupação do espaço pelo aluno no próximo tópico.

O rígido e o confortável

A transgressão é o espaço de individualidade para o aluno. Individualidade? Sim, pois todos os modelos acima mostram que, nessas salas de aula, o aluno deve se comportar como parte de uma massa de manobra do professor. Fechar o contrato seria cumprir as tarefas indicadas pelo professor e não atrapalhar, de modo algum, o equilíbrio entre destinador e destinatário.

Notem que, tanto na ilustração 1 quanto na ilustração 3, temos carteiras/mesas fixas e coladas umas nas outras. Para ter acesso a seu lugar, o aluno deve seguir uma ordem de entrada na fila de sua carteira. Não conseguirá sair sem provocar um distúrbio na esperada concentração dos colegas. Esse modelo, embora aproxime os alunos, diferentemente do modelo da ilustração 2 onde as carteiras estão todas separadas umas das outras, inibe o trânsito dos alunos durante a aula.

Assim, embora o espaço possa ser confortável pela anatomia das carteiras, mas confortável até certo ponto – lembremos do exemplo da mochila, citado acima –, ele é rígido, estático e faz parte do instrumento de autoridade constituído pelo conjunto sala de aula.



Ilustração 4: Pichação em sala do IFCH, UNICAMP. URL: <http://www8.ufrgs.br/acervofoto/imagens/Rg2724.jpg>

Transgressão pode aparecer de diversas formas, como, por exemplo, nesta pichação no fundo de uma sala de aula, na ilustração 4. A pichação é uma marca de identidade dos alunos: ela indica que existe individualidade na massa de atores que ocupa o papel actancial de destinador. Se existe individualidade, existe conflito de interesses, que pode, por sua vez, indicar que este destinatário nem sempre (ou deveríamos dizer geralmente?) age como um único destinatário com um único quadro de valores e uma única relação fiduciária com o professor. Apesar da estrutura da sala, com todas as carteiras voltadas para o espaço privilegiado do destinador-professor, o conjunto de alunos não é um conjunto homogêneo como o sistema gostaria que fosse.



Ilustração 5: Passando cola, blog do Gerolino. URL: <http://www.gerolino.blogger.com.br/colinha%20basica.jpg>

Outra forma de transgressão: passar informações em bilhetinhos. Na ilustração 5 vemos alguém supostamente passando cola, mas poderia ser um bilhete de qualquer tipo, marcando um encontro, mandando um beijo, fazendo uma ameaça, falando mal do professor ou qualquer outro assunto, geralmente completamente fora do tema da aula.

Ao aluno somente é permitido expressar-se verbalmente com perguntas pertinentes à aula, respondendo a perguntas do professor ou, por escrito, tomando notas ou fazendo exercícios. O bilhetinho é uma forma de transgressão a essa regra. Assim como a pichação, também é um ato que invoca a individualidade do ator, que pode até criar um segundo destinatário diferente do geral, esperado.

As salas das ilustrações 4 e 5 são diferentes das outras também pela possibilidade de movimentação das carteiras. Essa possibilidade pode ser incorporada pelo professor, buscando alternativas que admitam a possibilidade de pluralidade de destinatários e que aceitem a outra possibilidade, por nós citada anteriormente, de desconstituição do papel estático de destinador conferido ao professor.



Ilustração 6: Sala de aula mostrada no site do governo do Piauí. URL: http://www.piaui.pi.gov.br/noticias/fotos/200703/CCO_M26_cd45dfb9cc.jpg

A ilustração 6 mostra a turma organizada em um círculo. O professor faz parte desse círculo, de modo a desconstruir seu papel estático de destinador: ao ser colocado no mesmo plano e sem privilégio visual frente aos alunos, admite-se sua atuação como destinatário de alunos que busquem o papel de destinador. Não são todos os alunos que buscarão esse papel, desvelando-se, também, a pluralidade dos atores alunos.

Se tomarmos o padrão tradicional frente/fundos da sala de aula como referência, a sala da ilustração 6 também é uma forma de transgressão, desta vez institucionalizada. Note, porém, que no caso das ilustrações 1 e 3, pela imobilidade das carteiras, e 2, pelo excesso de carteiras tornando-as imóveis também, essa transgressão não é possível. Começamos a perceber que há uma outra relação de manipulação em jogo: aquela institucional, da instituição como destinador do professor-destinatário. A sala de aula estática é um cartão de visitas: indica que o aluno, ao entrar na faculdade (ou qualquer outro nível de escolaridade), vai cumprir seu papel de destinatário, tornando-se sujeito da obtenção do conhecimento proposto pelo professor, e não outro conhecimento qualquer. Reforça, assim, uma imagem passiva de destinatário, incompatível com a realidade, gerando transgressões.



Ilustração 7: Sala de aula publicada no Folha/UOL, com alunos trabalhando em grupos. URL: http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/images/sps24_ias.jpg

A formação de grupos (ilustração 7), uma iniciativa do professor que permite uma maior expressão da pluralidade dos atores no papel de destinatário (ou destinatários, como vimos), somente é viável dentro de salas com carteiras móveis. Salas mais modernas, como as das ilustrações 1 e 3, são resistentes a esse tipo de conduta. Ou seja: o moderno, em termos de arquitetura, reflete uma visão tradicional, em termos educacionais.

Mas e o uso de computadores em sala de aula? Qual seu efeito em termos dessa relação destinador/destinatário?

Virtual e...

Não pretendo definir o oposto de virtual. Se virtual for algo possível, potencial, então o oposto seria o que já foi concretizado e, portanto, não pode ser mudado. Os exemplos que vimos até agora mostram que essa definição é complicada, pois uma sala com carteiras móveis poderia, nesse caso, ser chamada de virtual, enquanto uma sala como a da ilustração 8, com computadores e, quiçá, acesso à internet, seria o oposto de virtual, já que completamente estática, impossível de ter seu espaço físico alterado.



Ilustração 8: Sala com computadores. URL: <http://www.expoconedesign.org.br/nne/blog/wp-content/uploads/2007/03/7sala-de-aula-web1.jpg>

A sala da ilustração 8 é praticamente igual às salas em que já dei aulas usando computador. O que muda, se o espaço físico é estático? Em primeiro lugar, muda o espaço privilegiado do professor. O olhar do aluno já não é a frente da sala, mas a tela do computador. Mesmo em salas onde existe um espaço especial para o professor, como na ilustração 9, o foco continua sendo a tela do computador.



Ilustração 9: Sala com computadores e telão. URL: <http://www.agrosol.com.br/imagens/laboratorio02-esquerdo.jpg>

O uso de notebooks (e porque não pensar no One Laptop For Child, como na ilustração 10) ou de telas LCD (ilustração 11) traz maior conforto pois aumenta o espaço, mas somente o uso de notebooks permite recuperar a maleabilidade das salas com carteiras móveis.



Ilustração 10: One Laptop For Child. Notebooks simples com acesso à internet, destinados à educação. URL: <http://www.ybytucatu.com.br/xoops/uploads/img45f1bac76de11.jpg>

Assim, o que geralmente acontece é que o uso de computador em sala de aula retoma a posição fisicamente estática dos alunos, bem como, pelo menos aparentemente, seu silêncio.



Ilustração 11: Sala com computadores. URL: <http://www.agrosol.com.br/imagens/laboratorio01-esquerdo.jpg>

Mas o uso de computador em sala de aula abre uma porta para uma rede de relações mundial (figura 12). A sala de aula não é mais o único palco do ensino/aprendizado.



Ilustração 12: Sala de aula com computadores em rede. URL: <http://www.gaiasul.edu.pt/pn/images/blogs.jpg>

O professor não deixa de orquestrar a atuação do destinatário como sujeito de um fazer (adquirir conhecimento), mas possibilita que o destinatário-aluno possa adquirir conhecimentos diferentes daquele que o próprio professor carrega. Os papéis, portanto, deixam de ser estáticos, passam a ser recíprocos. Utilizando recursos online como salas de bate-papo, o professor propicia, sem a necessidade de modificar o espaço físico, o mesmo efeito provocado pela sala nas ilustrações 6 e 7: a expressão da pluralidade e a possível troca de papéis.

Existem plataformas de ensino que trazem o professor para a tela do computador do aluno, como na ilustração 13. Ali a aula não é muito diferente da tradicional, pelo menos em um aspecto: a frente da sala é transportada para a tela do computador.



Ilustração 13: Ambiente presencial-virtual de ensino, UNESP. URL: http://www.cevap.unesp.br/novoprojeto/WebHelp/Imagens/Imagem_08.jpg

No entanto, essas plataformas costumam trazer também o aluno para esse palco, mesmo que nele exista o espaço privilegiado do professor: o aluno sempre está num chat e pode se comunicar com o professor e os outros alunos durante a aula.



Ilustração 14: Imagem colocada pelo professor no ambiente presencial-virtual de ensino da UNESP. Aparece na mesma tela que o chat e que a vídeo-conferência do professor. URL: http://www.cevap.unesp.br/novoprojeto/WebHelp/Imagens/Imagem_10.jpg

Além do chat sempre visível, o aluno também tem acesso a material disponibilizado pelo professor no mesmo ambiente (ilustrações 14 e 15).



Ilustração 15: Outro ambiente de aula virtual, da RNP. URL: http://www.rnp.br/_media/noticias/sbpc2003a.jpg

Outras plataformas menos sofisticadas, como o Moodle, têm a vantagem de não exigir a presença simultânea dos atores no momento da aula.

É aqui que entra a aspectualização temporal como fator preponderante no possível novo conceito de sala de aula. A aula presencial exige a presença simultânea de todos os atores no mesmo espaço, digital ou não. A aula a distância é definida pelo assincronismo da relação professor-aluno. Como o tempo afeta o espaço e as relações destinador/destinatário?

Aulas não presenciais ou semi-presenciais são objeto de polêmica: notícias como essa ([Universidades dão aulas on-line e frustram alunos](http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,MUL97005-5604,00.html#)) circulam impunes na mídia. O que é uma aula online? Aula sem sala? Sem horário? Sem professor? Sem sala e sem horário, mais ou menos; sem professor, impossível. O atendimento fornecido por um professor numa disciplina online é constante, diferentemente do atendimento da aula presencial, geralmente restrito ao horário de aula; o fato de poder realizar uma tarefa no melhor horário para cada um é um respeito à pluralidade. O uso de fóruns, nos quais todos os alunos podem colocar sua opinião e discutir as dos colegas, em conjunto com o professor, minimiza a força da hierarquia.

No entanto, por um lado, a falta de contato físico diminui o conhecimento recíproco dos atores, implicando uma relação menos pessoal, ao menos teoricamente; e, por outro lado, a liberdade de realizar as tarefas quando bem lhe aprouver, exige dos alunos uma maior responsabilidade sobre seu trabalho.

O que significa isso do ponto de vista da relação destinador/destinatário? A teórica relação menos pessoal exige do destinador uma demonstração maior de suas habilidades como “modalizado pelo saber”, afinal, a confiança, ou fideducía, do destinatário no destinador depende de que ele acredite que está recebendo um conhecimento formal ao cumprir o acordo com o destinador (realização das tarefas). Por outro lado, se a relação for construída respeitando-se a pluralidade e a possibilidade de que o aluno tenha conhecimentos importantes que o professor não possui – possibilidade esta muito maior num meio em que a principal característica do aluno é a autonomia –, no que pode basear-se a fideducía? As ferramentas, como a plataforma Moodle ou Teleduc, são possíveis de serem instaladas por qualquer pessoa. O professor conta, unicamente, com a garantia institucional de sua competência. Essa garantia pode ser insuficiente; mesmo numa aula presencial existe a possibilidade de questionamento do conhecimento do professor e de sua habilidade em passar este conhecimento, questionamento que faz parte da lista de transgressões comuns no ambiente escolar.

Quando a sala de aula ganha uma dimensão virtual, espalhada no tempo e no espaço, como no ensino online, o motor da relação destinador-destinatário será, a nosso ver, principalmente baseado no desejo do aluno de obter o conhecimento. O professor deve jogar com esse desejo, propondo atividades que tragam resultados mais ou menos imediatos, pelo menos parcialmente, de modo a manter a confiança dos alunos no processo. Nem sempre isso é possível: nem todo conhecimento pode ser aprendido em parcelas rápidas e perceptíveis. Por isso o destinador deve contar com outras estratégias, como a interação constante e a manutenção de um ambiente online claro. Trocas de e-mail/mensagens e conversas em chat produzem o efeito de uma relação mais pessoal, mais individualizada, inclusive, que a aula presencial. Um ambiente online claro – evidentemente não no sentido de luminosidade – significa possibilitar acesso ao material das aulas e outros materiais pertinentes a qualquer momento. A clareza sobre o conteúdo da disciplina aumenta a liberdade do aluno e, conseqüentemente, sua responsabilidade sobre o processo.

Além disso, essa sala de aula sem paredes permite a condução do curso com maior ou menor profundidade nos temas conforme os grupos de alunos dentro de uma mesma turma demonstrem sua capacidade de absorção dos conteúdos. Acreditamos que essa diferenciação sempre deva ser pela maximização do conteúdo, e não pela minimização; em outras palavras, o professor deve manter o patamar do curso dentro da expectativa média e somente propor atividades diferenciadas para os alunos que superam essa expectativa. Admitimos, no entanto, que essa perspectiva possa ser revista, conforme a situação.

No entanto, assim como é possível dar uma aula tradicional numa sala com cadeiras móveis, a despeito de seu potencial, também na internet temos recursos para manter a relação tradicional e estática entre professor e aluno. Um exemplo interessante é o Second Life (ilustração 16).

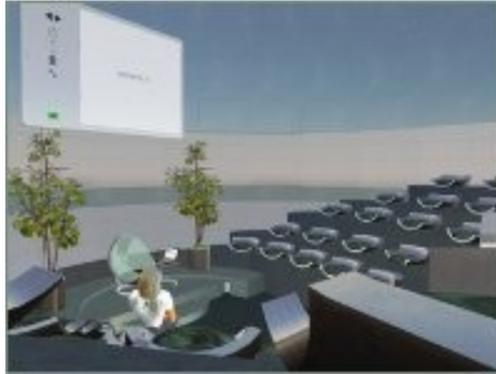


Ilustração 16: Sala de aula da Universidade de Aveiro no Second Life.

URL:

<http://ciberia.aeiou.pt/users/0/12/4440ab8cb72ac9f120f5d11098266de5.jpeg>

Observe que a sala da ilustração 16 possui tablado, cadeiras fixas, local privilegiado para o professor, alunos agrupados em fileiras, tal como a sala da ilustração 3. Chama a atenção a presença árvores (simuladas, como todo o resto), no mesmo local privilegiado do professor, procurando criar um efeito de sentido de empatia entre professor e aluno já que as árvores invocam o bem estar das pessoas presentes (virtualmente) na sala. Esta sala possui paredes; ela foge, por tudo isso, à proposta ampla de sala de aula que encontramos na maioria dos cursos online.

A bem dizer, as paredes da sala, mesmo na internet, só deixam de existir se o professor, de fato, deixar o mundo entrar na sala de aula ao ampliar seus limites. Isso somente pode ser feito pela integração do conteúdo das aulas com as realidades acessíveis pela internet. Caso contrário, o professor buscará manter as paredes a fim de proteger o conteúdo de suas aulas das distrações presentes na internet. Como o professor que ralha com os alunos distraídos com o passarinho que entrou na sala de concreto e revoa atordoado sobre suas cabeças.

À guisa de conclusão: a certeza e a dúvida

Procuramos discutir, neste artigo, a evoluçãoarquitetônica da sala de aula em relação aos avanços das abordagens pedagógicas; considerando, para tanto, a relação entre a organização espacial – e mesmo temporal – e os papéis actanciais assumidos por professor e aluno em cada um desses ambientes.

Acreditamos que o espaço físico influencia a relação professor/aluno, permitindo ou não diferentes didáticas, mas que o espaço não é determinante, é apenas reflexo dos conceitos de sala de aula e de didática. Os avanços arquitetônicos em geral, se por um lado propiciam maior conforto ao aluno, por outro lado reforçam a passividade do aluno, visto unicamente como receptor no processo educativo.

A sala de aula do futuro, uma realidade na Escola do Futuro da USP (http://www.futuro.usp.br/centro_capacitacao/salas_de_aula.htm), é uma amostra do que pode ser feito com o ensino presencial-virtual: as carteiras são móveis, cada uma possui um notebook sem fios, cuja energia é garantida pelo uso de bateria suplementar (cuja troca é feita a cada 3 ou 4h) e o acesso à internet é feito via rede wireless. Como são notebooks, é possível baixar a tela a qualquer momento para facilitar a relação direta entre as pessoas presentes.

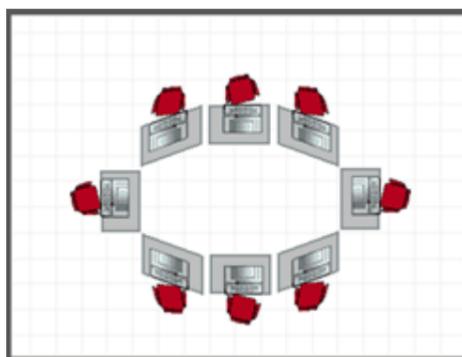


Ilustração 17: Sala de aula do futuro, versão 3. Escola do Futuro, USP.

URL:

http://www.futuro.usp.br/centro_capacitacao/sala03.gif

Finalmente, os avanços tecnológicos que possibilitam criar realidades virtuais cada vez mais próximas da realidade concreta precisam ser utilizados com parcimônia, pois, dependendo de como são usados, podem, facilmente, recriar modelos atiquados de ensino com efeitos visuais fantásticos.

Referências

10 Passos Fundamentais para o sucesso da Sala de aula presencial-virtual:

http://www.cevap.unesp.br/novoprojeto/WebHelp/First_Topic.htm Acessado em 26/09/2008.

Sala de aula virtual faz sucesso em reunião da SBPC: <http://www.rnp.br/noticias/2003/not-030804b.html> Acessado em 26/09/2008.

Escola do Futuro: <http://www.futuro.usp.br/> Acessado em 26/09/2008.

Salas de aula do futuro: http://www.ufmt.br/ufmtvirtual/textos/se_salas_de_aulas_do_futuro.htm Acessado em 26/09/2008.